

[Apresentação de Dra. Luísa Cabral \(Biblioteca Nacional\)](#)

Boa tarde. Antes de começar, quero agradecer ao Prof. Diogo Ramada Curto o desafio que me lançou aproveitando para lhe dizer que, numa próxima oportunidade, terá de me dar um poucacinho mais de tempo... E quero também saudar os cinco autores - a Inês Brasão, o Nuno Domingos, o Rahul Kumar, o Nuno Medeiros e o Tiago Santos - a quem fiquei a dever um fim-de-semana inesquecível pelas memórias revisitadas e pela informação que adquiri. Autores a que não deixo de juntar o responsável por uma capa sugestiva e irónica, Paulo Catrica e, é claro, a introdução aglutinante do próprio Prof. Diogo Ramada Curto. A todos, obrigada.

A apresentação deste livro é para mim um acto fora do quotidiano e o desafio para a preparar apanhou-me completamente de surpresa. Não sei se a chamada feita pelo Prof. Diogo Ramada Curto teve alguma coisa a ver com o facto de eu ser bibliotecária mas vou assumir que sim. Tenho, mau grado, de esclarecer que não é o passaporte de bibliotecário que garante que os bibliotecários estejam por dentro destes problemas no quadro da sociologia da cultura; a única coisa que se pode assegurar é que os bibliotecários sentem, reflectem e tentam arranjar soluções para os problemas concretos que a consulta e leitura nas respectivas bibliotecas colocam sendo que, na maioria dos casos (não digo totalidade para ter a certeza de que não incorro nalguma inverdade), esses problemas são de ordem técnica e não sociológica. É verdade que os bibliotecários estão mais do que seria desejável apenas preocupados com questões de ordem técnica e essa postura é passível de muita crítica ainda que sejam os bibliotecários os mais prejudicados. Estudos sobre a leitura, preparação e desenvolvimento de grandes exposições, definição de grandes linhas estratégicas para as mais importantes bibliotecas, não passam pelos bibliotecários. Na melhor das hipóteses, só tangencialmente. É pouco, os culpados desta situação são os próprios bibliotecários mas eu não estou aqui para carpir mágoas antigas. O que eu sei é que há múltiplos domínios a exigir o envolvimento dos próprios bibliotecários e o livro que aqui nos traz bem o comprova. Os bibliotecários são profissionais duma determinada área e se receberem, ou adquirirem, formação específica e se não viverem sobrecarregados com as questões técnicas, como se o horizonte se confundisse com elas, a vida poderia tornar-se bem mais interessante. Por isso muito me admirou que o Prof. Diogo Ramada Curto me tivesse incumbido desta tarefa, eu que passei grande parte da minha vida profissional atolada em papéis, não necessariamente livros, qual Gata Borracheira, a arrumar, ordenar e disponibilizar informação para os leitores sem com eles contactar directamente. Confirmar que do outro lado há quem leia, há quem se organize para ler e há quem interprete esta procura, é absolutamente extraordinário.

Tenho de começar pelo princípio. A capa. Não creio que fosse aceitável, há uns anos, publicar e encapar um trabalho, regido segundo princípios científicos, com uma fotografia de cabeleireiro de bairro. A fotografia funciona absolutamente como documento histórico, testemunho duma época e dum ambiente sócio económico que não me é desconhecido e que, aposto, não foi tirada na cosmopolita Londres que o seu autor tão bem conhece. Certamente que a fotografia foi seleccionada pela sua sintonia óbvia com os estudos em análise, constituindo sem dúvida uma escolha irreverente que não poderá deixar de estar presente na próxima deslocação ao cabeleireiro; no conjunto, [cabeleireiro, editores amantes do livro, o espaço de Moçambique, o Cavaleiro Andante,

as criadas de servir ou o futebol] por acaso, situações sobre as quais eu própria poderia ter testemunhado...

Li com agrado idêntico e cúmplice qualquer dos estudos em apreço. Posicionei-me de forma a desfrutar o mais possível a informação que me iria ser passada sem me deixar intimidar por um aparato metodológico, terminológico e bibliográfico com o qual estou menos familiarizada e sem ter a presunção de querer aparentar que depois desta leitura ficaria apta a emitir opiniões bem fundamentadas sobre o assunto. Nada disso. Mas o que eu posso dizer é que a leitura atenta, interessada e divertida, dos cinco estudos me permitiu identificar alguns aspectos transversais a todos eles criando um único cenário que nos ajuda a penetrar nos meandros da sociedade portuguesa.

A primeira observação que me ocorre, é que estes estudos me proporcionaram recuar a um tempo que eu conheci: por razões familiares, durante toda a minha adolescência chegaram-me ecos de Moçambique e, portanto, o ambiente descrito fez reviver informações passadas ao mesmo tempo que consegui sentir a distância física e as limitações cultural e política descritas. Já a análise sobre os leitores do Cavaleiro Andante me fazem vibrar doutra maneira, é uma coisa mais pessoal uma vez que também eu era fiel leitora do semanário. Custava dois escudos que era preciso poupar toda a semana para, em cada Sábado, justificar uma corrida obrigatória à tabacaria capelista da D. Conchita ao fim da rua. As criadas, discípulas obedientes e agradecidas da Obra de Santa Zita, que viviam em casa dos meus Avós, ali à Estrela. Ou os editores, absolutamente convencidos das suas escolhas e decisões indiscutíveis, ah, esses, ou o que resta deles, fui contactando-os ao longo da vida profissional tendo-me cedo apercebido que não falávamos a mesma linguagem. E, como foi sempre difícil fazer vingar objectivos mais pragmáticos, ao serviço dos leitores. Ou, a pressão da informação disponível na net, sob o formato de blogues, cujo arquivo e preservação não estão minimamente acautelados em Portugal e que tanta angústia provoca entre os profissionais de biblioteca! Duma forma ou doutra, senti-me inesperadamente muito afectada pelos cinco estudos, envolvida, sempre a reconhecer-lhes actualidade e, o que não é de somenos, grande utilidade.

Um aspecto que todos os estudos sublinham é que as comunidades de leitura criam um espaço para debate de ideias. Claro que este debate varia: entre os editores e/ou proprietários de livrarias, o livro é sobretudo um produto cultural que pode ficar manchado ao equacionar-se a questão do lucro, a livraria é um espaço patrimonial que convoca o espírito de família, com valor simbólico pesado, uma herança que urge salvar. O livro é, neste espaço, um produto de grande valor intelectual, objecto de arte, a que nem sempre é fácil aplicar as leis do mercado e os interesses da comercialização. Um círculo descrito como estando um pouco de costas voltadas para a realidade, que desconhece essa “massa indefinida” que é o público, que ainda olha a actividade como “factor de enlevo e cativação.” Um círculo que se considera em plena crise e que nem sempre aceita que esta não é exclusiva ao livro. Trata-se, de facto, de um clube de cavalheiros com manifesta dificuldade em se posicionar como negociantes. Estes traços identitários, todavia, são acompanhados de um outro elemento de identidade que aceita que “cada período de crise transporta em si o motor transformador que cria as condições propícias ao surgimento da modernização, sentida como caminho indispensável para a superação da conjuntura desfavorável”. É por este lado, que a edição, o livro e a leitura na medida em que envolvem, respectivamente, editores/livreiros, bibliotecários e educadores, autores, críticos e jornalistas, se encontram todos no torvelinho da crise. O

estudo de Nuno MEDEIROS sobre a comunidade editores/livreiros pressupõe questões que me são, profissionalmente falando, muito próximas como é a questão do depósito legal, a edição e depósito das edições de luxo, ou as colecções e a responsabilidade patrimoniais. Uma investigação que, a meu ver, põe em destaque uma comunidade de leitura para a qual o livro é um objecto que se valoriza de dentro para fora, sobre o qual ainda se revelam dificuldades e hesitações em aplicar as regras do mercado.

Por seu lado, os bloguistas analisados no estudo em causa, constituem uma comunidade de leitura e escrita exclusivamente preocupada com a situação do Sporting, clube que idolatram. Projectam, planeiam, lêem, escrevem as suas próprias ideias, comentários, avançam com sugestões as quais acabam por ultrapassar o espaço interno e projectar-se para fora das fronteiras imaginárias do clube (ou massa clubística), alargando o debate. Uma comunidade que pela sua turbulência se distingue completamente da dos editores/livreiros: tudo é tratado na praça pública, tudo transborda para outros meios de comunicação e se interrelaciona com outras fontes de informação provocando uma leitura não linear, talvez difícil de acompanhar, mas profundamente actual. Uma forma diferente de viver os problemas, sem peias. Talvez, sem elegância. Uma forma de comunicar anónima, criando uma relação ambivalente com a comunicação social, estabelecendo contraponto com esta e, se necessário, desafiando-a mesmo. Não é aceitável comparar o que é incomparável mas não se pode deixar de chamar a atenção para duas comunidades de leitura tão opostas, obviamente na composição e nos objectivos, também na vivacidade e sentido de si. Onde numa se sentem os restícios formais e de conteúdo do passado oitocentista, noutra, definitivamente, o passado já era. O estudo é rico em dados e pormenores mas, sobre eles, Rahul KUMAR consegue uma escrita tão vívida como a própria realidade que descreve.

O estudo de Tiago SANTOS sobre o Cavaleiro Andante ou o estudo de Nuno DOMINGOS sobre a Minerva Central, livraria ora em Lourenço Marques, transportamos, e julgo não errar, pelo menos em parte, para uma mesma época. Lê-los foi como desenrolar uma bobina há muito arquivada. Mas as comunidades de leitura neles descritas são bem diferentes: os leitores do Cavaleiro Andante têm em comum a paixão pela leitura numa revista de banda desenhada enquanto os leitores organizados pela Minerva Central, uma comunidade não homogénea, aceitavam de bom grado “que a Minerva Central servisse a causa da civilização, instrumento de expansão do livro, da língua portuguesa e dos autores nacionais” como o fundador sonhara e para quem Moçambique era igualmente uma oportunidade de negócio mas também um projecto de vida. Seguindo as sugestões do estudo, o Cavaleiro Andante de certa maneira tinha como objectivo fazer passar um código sem afrontar o status quo sócio político de então; por contraste, sabemos que as obras importadas pela Minerva Central não eram completamente conformes ao regime político vigente. Concordando ou não completamente com a imagem dada do Cavaleiro Andante, admitindo também que o progressismo da Minerva Central tem de ser entendido no contexto específico da colónia, o que interessa sublinhar é que ambas as comunidades estabeleceram hábitos de leitura, dinamizaram sociabilidades e criaram laços de solidariedade. Uma situação que parece inegável, que os estudos frisam bem e que os antigos leitores do Cavaleiro Andante reconhecem aliás como os agradecimentos oficiais pelos bons serviços da Minerva Central também atestam, tudo bem comprovado pelas respectivas investigações. Cada um à sua maneira, Cavaleiro Andante e Minerva Central, criaram redes de leitores que já na época, ou posteriormente, são capazes de se reconhecer a si próprias. Apesar das diferenças geográficas de extensão ou de localização continental,

apesar da complexidade dos públicos, dos grupos etários, do envolvimento sócio político, o Cavaleiro Andante e a Minerva Central tornaram-se duas referências cuja memória é gostosa de reviver.

A investigação da Inês BRASÃO é pura e dura. Com mágoa, não podemos deixar de perguntar como é que pudemos consentir nas situações descritas? Como é que pudemos conviver com a sua existência? Foi emocionalmente difícil para mim lê-la mas absolutamente indispensável. A análise da comunidade de leitura constituída pelas criadas de servir transporta-nos para a problemática do processo educativo, especificamente do acesso das mulheres à escolarização sob o Estado Novo, para o desequilíbrio existente no recrutamento entre o Norte e o Sul. Não me recordo tão bem destas questões mas tenho muito presente a situação do trabalho servil (muito evidente na disponibilidade laboral permanente que era exigida), a relação com a família (quantas vezes a criada antiga se substituíra à figura materna), a criada de servir que se recrutava muito novinha (cuja enorme vantagem se resumia na presumível isenção de maus hábitos), a dependência destinada às criadas nos fundos da habitação, junto à lavandaria ou à carvoaria. Como me lembro da própria hierarquização inter pares perceptível quando a “criada de fora” que gozava o privilégio do contacto permanente com os patrões e com os meninos, lia na cozinha para as outras serviçais algum jornal ou pedaço de revista feminina. Essa seria, porventura, outra comunidade de leitura que prolongava, dentro de casa, os ensinamentos da Obra de Santa Zita. É verdade que “o contacto das serviçais domésticas com o mundo do livro era escasso” mas também não deixa de ser verdade que as mais aptas acabavam por eleger um ou outro título que frequentemente iam buscar, senão para ler ao menos para gozar as ilustrações e sonhar. Lembro-me de um livro particularmente popular na cozinha dos meus Avós, *The Royal Family*. Como o sonho era ambicioso!

Comunidades de leitura criando círculos de dimensões muito distintas, uns mais públicos que outros, reflectindo épocas muito diferentes de que nos apercebemos pelos almoços (no caso dos editores/livreiros), pelo boletim literário de grande circulação (organizado pela Minerva Central) ou pelo recurso à Internet (no caso leonina). Comunidades de leitura à volta de uma ideia central quer esta se disfarce sob a forma de herança material (a casa editora) ou civilizacional (a Minerva Central) ou afectiva (o amor à camisola). Comunidades de leitura que vão deixando marcos num percurso de mercantilização progressiva, do clube de cavalheiros à casa editorial que procura algum lucro com a venda de livros, passando pelo idealismo civilizacional ainda que lucrativo da Minerva até à abordagem clara dos problemas financeiros do Sporting. Da extensão de Moçambique aos limites do salão dominical da Obra de Santa Zita ou à cozinha doméstica, do ponto de reunião na livraria ao espaço ilimitado da blogosfera passando pelo quarto de rapazes, a presença constante do livro e da leitura. Uma “fome de ler” que um excerto de Luís Sepúlveda evidencia sem rodeios e com o qual quero terminar:

“O livro nas mãos do padre teve um efeito de isco para os olhos de António José Bolívar. Pacientemente, esperou até que o padre, vencido pelo sono, o deixou cair para um lado. Era uma biografia de São Francisco que vistoriou furtivamente, sentindo que ao fazê-lo cometia um fugaz latrocínio. Juntava as sílabas e, à medida que o fazia, as ânsias de compreender tudo quanto estava naquelas páginas levaram-no a repetir a meia voz as palavras agarradas. O padre acordou e olhou divertido para António José Bolívar, de nariz metido no livro. É interessante? – perguntou. (...) Interessa-te? – repetiu o padre. (...) Já leu muitos livros? (...) Todos os livros tratam de santos? Não. No mundo

há milhões e milhões de livros. Em todas as línguas e tratando de todos os assuntos, incluindo alguns que deviam estar vedados aos homens. (...) De que falam os outros livros? Já te disse. De todos os assuntos. Há livros de aventuras, de ciência, histórias de seres virtuosos, de técnica, de amor... (...) [António José Bolívar] tinha que se habituar à leitura, e para isso precisava de sair de El Idilio. Talvez não fosse necessário ir muito longe, talvez em El Dorado houvesse alguém que tivesse livros, e espremia a cabeça a pensar como é que havia de fazer para os conseguir. (...) Embora ainda não soubesse que livros queria ler (...) a professora mostrou-lhe a sua biblioteca. Emocionou-se ao ver tantos livros juntos. A professora possuía uns cinquenta volumes arrumados num armário de tábuas (...). Foram cinco meses, durante os quais formou e poliu as suas preferências de leitor, ao mesmo tempo que se enchia de dúvidas e de respostas. Ao passar em revista os textos de geometria perguntava a si mesmo se verdadeiramente valeria a pena saber ler, e desses livros conservou uma frase longa que soltava nos momentos de mau humor: “A hipotenusa é o lado oposto ao ângulo recto num triângulo rectângulo”. Frase que mais tarde deixava aparvalhados os habitantes de El Idilio, que a recebiam como um trava-língua absurdo ou uma incontestável blasfémia.” *

Tenho dito.

Maria Luísa Cabral

* In SEPÚLVEDA, Luis – O velho que lia romances de amor. 3.^a ed. Lisboa: Edições Asa, 1994. (Literatura; Pequenos Prazeres) Colagem de excertos retirados entre p. 48-54.